

Da
criação
artística
à conceção
de Beleza

Geraldo Eanes Soares de Castro

Portugal. Doutorado em El Dibujo y sus Técnicas de Expresión. Facultad de Bellas Artes de San Carlos de la Universitat Politècnica de València, España. Professor Adjunto Convidado na Unidade Técnico-Científica de Artes Visuais - Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto, Rua Dr. Roberto Frias, 602 4200-465 Porto, Portugal. Artista visual, Músico, Designer. Publica regularmente em revistas científicas.
geraldo@ese.ipp.pt

Da Criação Artística à Conceção de Beleza

Resumo

Estamos acostumados a ter uma visão particular do mundo e, às vezes, a nossa maneira de pensar parece inquestionável. No entanto, o que sustenta as nossas ideias? Existe apenas uma maneira de pensar sobre a realidade ou sobre o estado das coisas? O trabalho que aqui se apresenta, tenta problematizar e colocar em tensão diferentes pressupostos sobre a arte e a beleza. Este estudo apresenta uma proposta para refletir sobre o que sustenta os nossos juízos de valor em trono da estética (enquanto conceção de beleza) e da arte (enquanto criação artística).

Atualmente, a arte parece favorecer mais a posse da obra do que a sua contemplação. Tudo parece estetizado e as fronteiras entre arte e realidade tornam-se cada vez mais indistintas.

Palavras-chave

Arte, Beleza, Mímesis, Expressão

From Artistic Creation to Beauty Conception

Abstract

We are used to having a particular view of the world and sometimes our way of thinking seems unquestionable. However, what sustains our ideas? Is there only one way of thinking about reality or the state of things?

The work presented here tries to problematize and put into tension different assumptions about art and beauty. This study presents a proposal to reflect on what sustains our value judgements about aesthetics (as a concept of beauty) and art (as artistic creation).

Nowadays, art seems to favour the possession of the work of art rather than its contemplation. Everything seems aestheticised and the boundaries between art and reality are becoming increasingly blurred.

Keywords

Art, Beauty, Mimesis, Expression

De la Creación Artística a la Concepción de la Belleza

Resumen

Estamos acostumbrados a tener una visión particular del mundo y, por veces nuestra forma de pensar parece incuestionable. Sin embargo, ¿qué sustenta nuestras ideas? ¿Existe una sola forma de pensar sobre la realidad o sobre el estado de las cosas?

El trabajo aquí presentado trata de problematizar y poner en tensión distintos supuestos sobre el arte y la belleza. Este estudio presenta una propuesta para reflexionar sobre lo que sustenta nuestros juicios de valor en torno a la estética (como concepción de la belleza) y el arte (como creación artística).

Actualmente, el arte parece privilegiar la propiedad de la obra más que su contemplación. Todo parece estetizado y los límites entre el arte y la realidad se desdibujan cada vez más.

Palabras clave

Arte, Belleza, Mímesis, Expresión

Arte como mimeses

"A Gioconda", de Da Vinci; o "David", de Miguel Ângelo; as pinturas surrealistas de Salvador Dalí; a "Guernica", de Picasso; as óperas de Mozart; a "Fonte" (*Fontaine*) de Duchamp; a Bauhaus; a obra "Branco sobre branco" de Malevich; o cinema experimental; as serigrafias de Warhol.

Parece ser unanime na opinião pública, considerar todas estas obras, como obras de arte. Mas, será que um programa de televisão, ou o anúncio de uma qualquer publicidade, ou ainda a decoração de uma habitação, também são arte? Será possível catalogar qualquer destes fenómenos com a categoria de "artísticos"?

Aparentemente não. Mas então, o que é a arte?

O design de uma marca e uma pintura de Rembrandt são a mesma coisa? Não é verdade que, se tudo é arte, então nada é arte? O que é arte? O que entra na definição de arte? Qualquer pessoa pode ser um artista?

Encontrar uma resposta para estas questões revela-se extremamente difícil ou até impossível, e tudo se complica, se associarmos a arte, às nossas experiências estéticas. Perante este problema, colocamos a interrogação: o que é uma experiência estética¹? Poderá ser o estabelecimento de compromissos com a beleza? Ou poderá ser uma das formas de nos vincularmos com a realidade, gerando em nós um ímpeto de tipo emocional, mas que, em princípio, não possui um fim útil?

Talvez possamos afirmar, porém, que o valor primordial que gera uma experiência estética é a beleza.

Mas... para que serve a beleza?

Parece existir um preconceito, por isso, em considerar a dimensão estética da existência como algo secundário, superficial e frívolo. Todavia, hoje, vivemos uma maior estetização da existência, no sentido de que as nossas sociedades, as quais alguns designam de pós-modernas, caracterizam-se por terem feito da estética, um valor determinante, e, por isso, podemos afirmar que o estético se tornou o lugar de acesso a uma qualquer experiência.

Uma maneira de definir a arte é enquanto mimeses, (palavra grega que significa "imitação"). Neste sentido, a arte seria uma representação da realidade. Se existe uma beleza natural que desejamos capturar, então, a arte copia ou imita-a. E, portanto, a chave para mimese é a ideia de representação. Com esta ideia, e para nossa

contemplanção, voltamos a tornar presente o mundo natural. Perante isto, se partirmos do princípio, de que um bom trabalho de pintura ou desenho, é o que melhor copia a realidade, então, a música, não é mais que a reprodução de sons naturais, e a literatura o conjunto de relatos que melhor refletem as histórias reais que pretendemos narrar. No entanto, esta definição gera uma série de problemas, entre os quais, o problema da mímeses. Ou seja, como podemos definir o que é imitável?

Imita-se o real ou o real idealizado?

Representa-se o real tal como é, ou o real na sua expressão ideal?

Por exemplo, como podemos fazer para pintar uma figura humana? Representamos tal como é? Ou como idealmente nós a imaginamos?

Sabemos que geralmente, a arte mimética costuma copiar não as coisas como são, mas sim, como deveriam ser, contradizendo deste modo a sua própria definição. Por outro lado, se a arte mimética imita a realidade, partimos de algum consenso do que é real? Parece não existir uma definição única do real. E, portanto, assim sendo, a partir de que teoria definiríamos o real? A partir da psicanálise? Do materialismo dialético? Ou a partir da mera perceção que os sentidos nos oferecem?

Ao que tudo indica, à luz destas noções do real, a grande maioria das obras artísticas contemporâneas mais voltadas à abstração, ficariam absolutamente de fora da definição de arte como mímeses.

De facto, a técnica mimética é considerada, atualmente, mais um aspeto dominado pela destreza ou habilidade ou até inclusive uma raridade, do que uma expressão artística. Talvez, hoje, a forma mais difundida de pensar a Arte, seja aquela que a define como expressão, ou seja, expressarmo-nos.

Arte como expressão

O que é então a expressão?

A definição de arte como expressão, desloca a questão da definição da obra, para o artista. A expressão na arte, não pode ser algo mimético, já que, o que se encontra refletido na obra, são as motivações do artista.

E então, como poderíamos pintar uma emoção? Esta questão, inverte a ideia de arte como mímesis.

Portanto, podemos propor que: se a mimese é uma duplicação do real, isto é, do objeto, então, a expressão, é uma duplicação do sujeito, na medida em que, a expressão é um processo centrado no indivíduo.

Por outro lado, a tecnologia digital está a incutir alterações entre a representação e o suporte, fazendo com que uma nova perspectiva de unidade do sujeito e objeto seja aberta durante o processo artístico, transcendendo as categorias tradicionais, nomeadamente o artista, o público e a obra, isto é particularmente notório no discurso de Jiménez (2002).

Significa, pois, que a tecnologia digital não só altera o *status* do objeto artístico, mas também as relações entre o artista e o público. Tal como apontou Marcel Duchamp no seu texto de 1957 “*O ato criativo*” e mais tarde, Umberto Eco, com os trabalhos que originaram a “*Obra aberta*” de 1962, ambos, manifestaram a ideia de que o processo criativo na arte, não acaba no momento em que o artista dá por terminada a obra. A receção das obras por parte de diferentes públicos, privilegia diversos sentidos estéticos, os quais, permitem por sua vez, reconsiderar o processo da arte em termos de uma “cadeia aberta”, ilimitada de sentidos e significados.

Essa perspectiva parece materializar-se com maior intensidade na arte digital, a qual, é predominantemente sustentada pela imagem. Como tal, a imagem deixou de ser algo aparente, para se transformar na própria realidade. E então, se tudo é imagem, os traços próprios da estética, tornam-se os traços de qualquer coisa.

Atualmente, a distinção entre a imagem e o seu conteúdo mistura-se e esbate-se, convertendo-se num ponto de partida para uma multidimensionalidade carregada de significados, na qual os diferentes espectadores a exploram e a modificam, fazendo com que a existência humana, faça parte de um processo de transformação material do mundo da imagem.

Arte como reprodução de beleza

A partir do séc. XIX, com o Romanticismo, o conceito clássico de beleza explode, e a beleza torna-se cada vez mais subjetiva, mais relativa.

Com os diferentes movimentos artísticos dos finais do séc. XIX e princípios do séc. XX, vai-se passando de uma ideia de beleza objetiva, racional, mensurável e quantitativa,

para uma ideia de beleza mais próxima do excesso, do transbordamento e do irracional.

Portanto, também aqui não encontramos consenso sobre o que é a beleza.

Além disso, podemos porventura afirmar que uma determinada obra é dotada de beleza, - como por exemplo “*David*” de Miguel Ângelo, ou uma obra de Bach - mas, podemos dizê-lo de todas as obras?

Será que a categoria de beleza, do belo, é a mais apropriada, quando confrontada com algumas obras de Arte vanguardistas, ou até mesmo com a própria arte *pop*?

Bonito, feio, beleza, sublime. Tudo o que nos rodeia parece gerar em nós uma reação estética. Essa reação, além de avaliar as coisas como verdadeiras ou falsas, boas ou más, também nos são apresentadas como belas ou feias.

Durante muito tempo, e, em sintonia com um mundo ordeiro, ordenado e organizado, a beleza foi, em tempos, um valor claro, delimitado, objetivo e indiscutível.

Hoje, numa época de “desdiferenciação”, fragmentação e hibridação, os limites da beleza também foram transformados. Por isso consideramos pertinente colocar a seguinte questão: o que é beleza hoje?

Tanto quanto sabemos, a mais importante questão filosófica no que respeita à beleza, é o problema da sua objetividade. É determinar se a beleza está nas coisas, ou é relativa a quem a experimenta.

Por outras palavras, é a beleza objetiva ou subjetiva?

O problema é que os tempos atuais, agregam também outra problemática, já que a beleza deixa de ter que ver com um âmbito tão específico como o da arte, e volta-se, para uma sociedade hiperconsumista, e isto, revela ser um critério estrutural no mundo de hoje em que tudo é beleza. E assim, a nossa existência estetizou-se.

Os antigos definiam a beleza com a fórmula da proporção entre as partes, por isso, a beleza estava sempre ligada à harmonia e à simetria, conforme a classificação dos cânones artísticos propostos por Climent, C.; Lance, M. (2007).

Porém, se a beleza está nas coisas, e, e na proporção entre as partes, então, a humanidade pode medi-la objetivamente. Podemos porventura afirmar, que em cada contexto, existe um critério do belo que se impõe como maioritário. Ou seja, a beleza não está nas coisas e também não depende de cada um. Existem critérios que se vão estabelecendo em cada época ou em cada cultura.

Mas esses critérios estabelecem-se a partir de quê?

Para esta resposta, introduzimos o que se designa por "relativismo estético". Por isso, a diferença entre a beleza natural e a artificial é bastante ambígua. Poderíamos, pois, dizer que, embora haja uma intenção de produção de beleza para a contemplação, acabamos por entrar inevitavelmente no campo da arte.

E podemos também afirmar que, de facto, na modernidade, existem duas importantes definições de arte: a arte enquanto representação do real e a arte enquanto produção do belo.

Porém, também é verdade que, no início do século XX, as vanguardas artísticas aparecem para desestruturar estas duas definições, já que questionam a entidade da realidade, enquanto ideia de belo. Eco (2004), realça que o objeto belo, é um objeto que em virtude da sua forma, promove a fruição dos sentidos.

Por seu turno, ainda na Grécia Antiga, Sócrates também deu a ideia de querer legitimar a práxis artística no plano conceptual, distinguindo para tal, três categorias estéticas: a beleza Ideal, a beleza Espiritual, e a beleza Útil.

A beleza Ideal representa a natureza através de uma montagem das partes e a beleza Espiritual, exprime a alma através do olhar (como acontece em algumas esculturas).

Eco (2004), esclarece ainda que a beleza Útil não está associada à aparência de um objeto, mas em quão proveitoso ele possa ser, e, possuir um carácter prático, como o resultado de um produto ou uma situação.

Platão, talvez influenciado por Sócrates, também aponta duas concepções da beleza: a beleza como Harmonia e Proporção, e a beleza como Esplendor. Platão apontava ainda que a arte é uma falsa cópia da autêntica beleza, e como tal, é deseducativa para os jovens. Por isso, ele propõe banir a arte das escolas e substituir pela beleza das formas geométricas baseadas na proporção e nas concepções matemáticas do universo, tal como refere Eco (2004).

As vanguardas, na sua essência, vêm propor que cada ato da nossa existência se torne mais belo, vêm apelar a que tenhamos que fazer das nossas vidas quotidianas, um ato criativo permanente. Ou seja, o vanguardismo, levou ao extremo as condições de rutura perante uma sociedade que, no início do século XX, tornou-se cada vez mais indefinida. Atualmente, a arte parece colocar-se contra as instituições que dividiram a arte da vida. Contra as instituições que elitizam o trabalho artístico.

Mas com esses gestos dos vanguardistas, mais do que reconciliar com a vida, a arte, afasta-se novamente, e a beleza parece reservada apenas a alguns especialistas.

Mas então, como poderemos transformar a nossa vida em algo mais belo?

Propomos duas formas: uma ligada ao consumo e outra relacionada com a mercantilização da beleza.

Embelezar a vida cotidiana, parece estar reduzida a comprar roupas, acessórios, alterar o penteado ou a cor do cabelo, ou tatuar o corpo. Mas, embelezar a nossa vida cotidiana, é estar dependente da nossa imagem?

A própria beleza parece exprimir algo de horrível, (enquanto constrangimento que irradia da forma). A irresistibilidade do belo, sublimado pelo sexo, atinge as mais elevadas obras de arte, e é exercida pela sua pureza, pela sua distância da materialidade e do efeito que provoca. E deste modo, semelhante constrangimento torna-se conteúdo.

Nietzsche (2002) sustenta que uma estética da existência supõe um exercício de criatividade permanente. Num mundo sem verdades absolutas, estamos-nos a recriar constantemente, e quanto mais experimentamos a diferença, mais crescemos.

Por outro lado, Nietzsche (2002) aponta também que uma estética da existência supõe um exercício de criatividade permanente.

Como sabemos, "*estética*" provém do grego "*aisthesis*" e isso significa "*sensibilidade*". É um termo relacionado com a perceção da beleza. Do "*estético*" deriva o "*esteticismo*"², que é algo como a primazia da beleza.

Tanto quanto conseguimos apurar, à semelhança da experiência artística, a experiência estética da natureza, é uma experiência de imagens. Aparentemente, a natureza, enquanto belo fenomenal, não é percebida como objeto de ação.

A renúncia da autoconservação da arte, realiza-se igualmente na experiência estética da natureza, conforme aponta Adorno (1970). E, uma figura representativa do esteticismo é o *Dandy*³. Assim, o esteticismo pode implicar o consumo enquanto superficialidade da beleza industrial e massificada do mercado. Mas também, pode implicar o contrário.

Existe um esteticismo que pretende libertar a beleza das suas restrições, postulando a figura de um Dândi muito preocupado com a criação permanente de si mesmo.

Seguindo este raciocínio, será razoável afirmarmos que atualmente tudo está estetizado? Porque é que hoje, podemos confundir alguma coisa com uma obra de arte? Ou seja, será que a melhor obra de arte para um artista, é a sua própria vida?

Hoje a estética transborda as suas áreas tradicionais e inunda tudo, por isso, tudo parece estar estetizado: a política, a religião, a economia, a educação.

A estetização geral da existência, transforma ou converte qualquer ação humana num ato estético. Nesse sentido, o mercado transforma-se num grande produtor de beleza, o qual seduz para vender.

Mas então, se tudo é bonito, e se a beleza é produzida constantemente, e se todas as coisas que nos rodeiam tentam gerar em nós uma experiência estética, o que resta da arte? Existirá arte?

Digamos primeiro que sim, que ainda resta arte..., mas não na sua forma tradicional. A arte transforma-se graças à tecnologia que permite reproduzi-la infinitamente. Basta lembrar por exemplo, a quantidade de reproduções existentes sobre as obras de Rembrandt, Monet ou Delacroix.

Benjamin (2008) teorizou sobre o assunto acerca da reprodutibilidade na arte, argumentando que, por um lado, a arte sofre modificações, porque se socializa e se torna mais acessível a todos, perdendo, desse modo, a sua aura original. Talvez seja esse o motivo, pelo qual é proibido fotografar dentro de um museu... para que as obras permaneçam imaculadas.

No entanto, a reprodutibilidade permite novas formas de manifestação estética, ela possibilita - graças à intervenção tecnológica - outros modos de expressão, tais como o cinema, que antigamente era de todo impossível. E, assim, da maneira como hoje podemos ouvir música em diferentes suportes ou dispositivos em qualquer lugar, podemos também possuir uma cópia de qualquer obra de arte, seja na sua forma física ou na sua forma virtual.

Mas... estaremos, porém, perante a mesma obra? Ou seja, a "*Gioconda*" de Da Vinci, ganha ou perde com a reprodutibilidade?

Se a reprodutibilidade técnica incorpora grandes setores sociais no mundo da arte, então, esta, torna-se mercadoria. Portanto, podemos afirmar que os critérios de produção artística não diferem de qualquer outro critério de produção de mercadorias.

Essa industrialização da arte dá origem ao designado “*kitsch*”, já que o mercado procura instalar os seus produtos do modo mais eficiente possível. O “*kitsch*” eleva qualquer coisa à condição de estético. Mas, fundamentalmente, permite a apropriação estética, de qualquer objeto por qualquer pessoa, ou melhor, por qualquer consumidor.

A Industrialização da arte promove o “*kitsch*”, e com o “*kitsch*”, tudo é consumível. É por esse facto que existe uma sensação de ironia permanente, como se ninguém levasse nada muito a sério, e brinca, transgredindo tudo. Também é verdade que o espírito de vanguarda parece desaparecer como manifesto político e permanecer como uma aposta estética.

Na ideia da pós-vanguarda, a rutura permanece, mas desprovida de intenção utópica, tornando-se um mero exercício lúdico, e, num mundo estetizado, o artista pós-vanguarda é um experimentalista, é alguém que brinca e experimenta com as estéticas, mas esvaziado de conteúdo ideológico. E se hoje tudo foi estetizado, tornam-se difusas as fronteiras que separam a arte da realidade.

Perante isto, o que resta então da beleza?

É verdade, que, por um lado, com a estetização da existência, a beleza, parece ter-se tornado mais superficial, mais funcional para a sociedade de consumo. Mas também é verdade que, por outro lado, existem novas possibilidades para reinventar a vida de uma maneira mais criativa. Seja como for, o problema permanece o mesmo de sempre. O que acontece com quem fica de fora?

Não encontramos resposta para esta questão. No entanto, podemos afirmar que a arte, numa determinada época, queria transformar a realidade, queria mudar o mundo, mas hoje, isso tornou-se mais difícil.

Arte como choque

Não existirá toda uma arte que tenha outros propósitos mais transgressores? Mais políticos?

Uma definição que leva em conta o aspeto político da arte é aquela postulada pelas vanguardas. O vanguardismo é um fenómeno do início do séc. XX, que propõe revelar-se contra as instituições que separam a arte da vida.

Nas últimas décadas, a arte transformou-se numa atividade muito elitista e as vanguardas propõem, uma arte que denuncia essa situação, e, simultaneamente, uma arte que possa atingir todos os estratos da sociedade. Nesse sentido, o que a vanguarda introduz é o papel do artista revolucionário. Deste modo, a arte vai-se tornando cada vez mais provocadora: a pintura escapa dos quadros; a música tem cheiro; a poesia tem sabor; o teatro tem tato.

Trata-se, pois, de gerar um choque nas instituições artísticas tradicionais, denunciando que interesses concretos são impostos em nome da verdade da arte. Assim, se começa a utilizar a arte como um recurso para gerar consciência social.

Conciliar a arte com a vida é, simultaneamente, dotar ou oferecer à vida um sentido criativo e também fazer da arte uma arma para revolucionar a existência humana. O problema é que, ao esbater os limites, as fronteiras, entre o artístico e o quotidiano, mais do que reconciliar a arte com vida, corre-se o risco de voltar a afastá-la do entendimento global. Portanto, a expressão acaba por ser demasiado avançada para a compreensão de um público que, ou não a aceita, ou a assume, - ainda que transformada ou convertida em mercadoria -, conseguindo apenas o efeito oposto ao pretendido.

A arte e reconcilia-se com o quotidiano, mas no seu aspeto mercantil, originando a saída de uma instituição, para entrar noutra maior: o Capitalismo.

À luz deste enquadramento, é possível referir que a arte se transformou num objeto do domínio do mercado capitalista, atravessado pela lógica da mercadoria. E como sabemos, atualmente, numa sociedade de consumo, as pessoas compram qualquer coisa. Assim, a premissa para o acesso às obras, deixa de ser a contemplação, para passar a ser uma relação de posse.

Ao que parece, as ideias absurdas poderão fazer sentido, se se conseguir gerar um choque radical no senso comum estabelecido. Mas, se o absurdo provocar gargalhadas e não terror, o gesto vanguardista acaba por ser apenas isso, um gesto. Experiências ousadas com fins efémeros de passatempo... e nunca um ato revolucionário.

Conclusão

A impossibilidade de definir a arte levou a argumentar que a ausência de definição, é a única definição possível, o que nos leva a concluir que a arte não se define. E se a arte não tem uma definição, se é apenas aquilo que um conjunto de pessoas chamadas artistas ou curadores ou mediadores, entenderem considerar como tal, então, podemos afirmar que a arte, é aquilo que os artistas fazem, partindo do pressuposto que um artista faz arte.

Hoje, os limites para definir a arte são imperceptíveis, na medida em que, a arte expandiu-se numa infinidade de estilos, técnicas, artistas e meios. As concepções e categorias tradicionais já não nos servem para explicar os fenómenos estéticos contemporâneos.

Arthur Danto dá-se conta desta crise e entende que estamos a viver um processo histórico de modo terminal. Para Danto (2013), vivemos o fim da história da arte.

Mas então, porque é que uma obra é, ou pode ser arte? Por ser exibida num museu? Pela intenção do autor? Pela interpretação do espectador?

A resposta de Danto (2013) é que a arte se produz num determinado contexto. E esse contexto é o contexto do mundo da arte, sem o qual uma obra não pode ser classificada como um objeto artístico e, portanto, terá de existir sempre, um contexto que lhe dá sentido, que lhe atribui significado.

Tal como argumenta Danto (2013), o fim da história da arte não é algo apocalíptico, mas sim a oportunidade de se redefinir um novo conceito de arte, até porque, o esbatimento dos limites entre a arte e a realidade, torna impossível discernir entre o que é um objeto artístico e o que é um mero objeto.

Mas então, isso significa que na arte vale tudo? Qualquer coisa serve? Tudo funciona? Para Danto (2013), uma obra é valorizada pelas ideias que incorpora e pelas atitudes que provoca. As obras de arte são maneiras de expressar ideias, desejos, temores ou críticas.

O que resta, então da arte, após a sua morte ter sido declarada?

A arte, carrega no seu centro a transgressão que incorpora a sua própria emancipação. Procura provocar e escandalizar até ao extremo, pôr em risco a própria vida da arte.

E não será próprio da arte, estar a transgredir-se e reinventar-se permanentemente? Não estará a arte a morrer constantemente de modo a não estagnar em nenhum lugar estável?

O aspeto fundamental que marca a definição de arte, é seu carácter de denúncia, tal como reitera Adorno (1970), apontando ainda que a arte deve ser uma resistência contra a ordem estabelecida, e, sobretudo, num mundo consumista, deve ser capaz de alertar contra a alienação que as indústrias culturais exercem sobre a cidadania.

Uma obra de arte autêntica, sustenta Adorno (1970), não existe para ser entendida, mas para provocar uma dissonância, um desconforto, um incómodo, um descontentamento, uma repulsa.

Porém, ao fazer isso, fica exposta a um enorme risco, ao fino limite pelo qual uma obra transgressora pode ter sucesso no mercado e, assim, trair o seu objetivo.

Esta procura por uma arte como oposição, é a força vital do seu desenvolvimento. Permite que o sentido não seja fixo e empurra os limites da arte na direção de conteúdos que não existiam antes. Além disso, Adorno (1970) deixa também transparecer, de que é um lugar-comum, afirmar que a arte não se deixa absorver no conceito do belo, mas que, para o realizar, precisa do feio como sua negação.

Portanto, uma experiência estética pode ter o potencial para gerar uma ansiedade, uma sensibilidade, uma perplexidade, um fenómeno estranho e talvez belo, que interrompe a lógica quotidiana e nos permite relacionar com outra dimensão de beleza.

Hegel (2001), petrifica a dialética estética através da definição do belo, enquanto aparição da ideia, e nesse sentido, tão pouco se deve definir o belo como renúncia ao seu próprio conceito. A imagem do belo, enquanto imagem do uno e do diverso, surge com a emancipação da angústia perante a totalidade esmagadora e a opacidade da natureza.

Parece que a beleza está sempre dotada de um certo travo de tristeza. É provável que, como afirmou Wilde (2019), possamos perdoar um homem por fazer uma coisa útil, desde que ele não a admire. A única desculpa para se fazer uma coisa inútil é que a admiremos intensamente.

Toda arte é bastante inútil, e, por isso, talvez não sirva para nada em especial, porque permite-nos deixar de pensar que tudo tem que servir para alguma coisa ou para alguém.

Hoje, vivemos a tensão entre uma realidade estetizada, - onde tudo parece ser mercantilizado - e o espírito da vanguarda, que ainda concebe a arte como um lugar de autenticidade e de protesto. Não sabemos se um poema pode mudar o mundo, mas, pelo menos, pode colocá-lo entre parênteses.

O presente estudo tenta oferecer alguns pressupostos no que se refere à designação da arte e da estética no seu sistema, com a intenção de originar questionamentos sobre a criação artística, bem como, dos conceitos de beleza que lhe são inerentes. Adorno (1970), menciona que as obras se tornam belas, por força da sua oposição à simples existência.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1970.
- BENJAMIN, Walter. *The Work of Art in the Age of its Technological Reproducibility and Other Writings on Media*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2008.
- CLIMENT, Carlos., & LANCE, Manuel. *Las proporciones humanas y los cánones artísticos*. Valencia: Ed. Universidad Politécnica de Valencia, 2007.
- DANTO, Arthur. *Qué es el arte*. Barcelona: Ed. Lectulandia, 2013.
- DANTO, Arthur. *Após o fim da Arte: A arte contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Ed. Odysseus, 2013.
- ECO, Umberto. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Edições Record, 2004.
- HEGEL, Georg. *Cursos de Estética*. São Paulo: Ed. EDUSP. v. 1, 2001.
- HEGEL, Georg. *Cursos de Estética*. São Paulo: Ed. EDUSP. v. 2, 2001.
- JIMÉNEZ, José. *Teoría del arte*. Madrid: Editorial Tecnos, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Beyond Good and Evil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- WILDE, Oscar. *The Picture of Dorian Gray*. London: Ed. Penguin, 2019.

Notas

¹ Estética é proveniente do grego "*aisthesis*", que significa "*sensibilidade*", mas como quando falamos de uma primeira impressão. Por isso, na estética ressaltam mais as formas das coisas do que os seus conteúdos.

² O "*esteticismo*" define a beleza como o valor mais importante.

³ Figura que Baudelaire descreveu magistralmente no século XIX como sendo um sedutor, mas simultaneamente alguém que faz da sedução não um meio, mas um fim em si mesmo.

Nome do arquivo: 1 Da Criação Artística à Conceção de Beleza.docx
Diretório: /Users/mauricius/Library/Containers/com.microsoft.Word/Data/
Documents
Modelo: /Users/mauricius/Library/Group
Containers/UBF8T346G9.Office/User
Content.localized/Templates.localized/Normal.dotm
Título:
Assunto:
Autor: Ramon Blanco Barrera
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 14/11/2023 10:44:00
Número de alterações:2
Última gravação: 14/11/2023 10:44:00
Salvo por: Mauricius Farina
Tempo total de edição: 0 Minutos
Última impressão: 14/11/2023 10:44:00
Como a última impressão
Número de páginas: 15
Número de palavras: 4.717
Número de caracteres: 24.506 (aprox.)